

Homilia da missa no Porto por ocasião da festa de S.Josemaria

Missa celebrada pelo Pe. Jorge Margarido Correia no passado dia 27 de Junho.

13/07/2011

A felicidade original e a queda

A primeira leitura que acabámos de ouvir proclamar recorda-nos como, através de uns poéticos veículos culturais, a Revelação ensinou ao homem algo fundamental: a situação criacional humana aperfeiçoa-se por

meio do jardim do Éden, que tem todas as características aneladas pelo homem: materiais (árvores, rios, sombra, etc.), e espirituais (sobretudo a sabedoria). Numa palavra, a felicidade. Este é o sentido profundo do relato paradisíaco: a felicidade originária naquele estado de amizade a que Deus elevou o homem depois de o criar.

S. Josemaria Escrivá, Sacerdote, Fundador do Opus Dei cuja Festa estamos a celebrar sublinhou a este respeito duas coisas que fazem parte da mensagem que Deus lhe inspirou: o mundo foi criado por Deus com sabedoria e amor, e o homem foi criado por Deus com uma missão de uma grande dignidade nesse mundo.

E não só o homem em geral o “Adam”, mas também cada um de nós tem uma missão a cumprir no meio das circunstâncias nas quais foi colocado por Deus. Todos fomos

colocados na terra para a cultivar e guardar mediante o trabalho e o cumprimento dos deveres quotidianos.

Mas não podemos esquecer que o relato da criação termina com a narração da queda dos nossos primeiros pais. Usando palavras de S. Josemaria: «Adão não quis ser um bom filho de Deus, e revoltou-se»

Os nossos primeiros pais quiseram ser «como Deus» e desbarataram esse tesouro que era a sua amizade com Deus e pensaram que podiam ter tudo, desfrutar de tudo, egoisticamente, sem pensar nas consequências. O resultado foi a bancarrota material e espiritual.

Mas, ao contrário de outros contextos, o *Resgate* da dívida soberana não veio de uma *Troika* que exige o pagamento até ao último Euro, custe o que custar. A Salvação veio de uma Trindade que enviou o

próprio Filho para pagar por nós as consequências da nossa insensatez.

Continuando com o texto de S. Josemaria «Deus Pai, chegada a plenitude dos tempos, enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que restabelecesse a paz; para que, redimido o homem do pecado, *adoptionem filiorum recipere mus*, para que recebêssemos a adopção de filhos (*Gal 4, 5*), fôssemos constituídos filhos de Deus, libertos do pecado, e capazes de participar na vida íntima da divina Trindade» (Cristo que Passa 65).

S. Josemaria viveu e ensinou a viver, como fundamento da vida cristã, um confiado sentido da Filiação divina, a chamar a Deus pelo termo terno e confiado de “paizinho”, o “abbá, Pai” que lemos na 2^a Leitura, tirada da Epistola de S. Paulo aos Romanos.

Mas se assim se gera este homem novo, se cria este novo enxerto dos

filhos de Deus (cf. *Rom 6, 45*), se liberta a criação inteira da desordem, e restaura todas as coisas em Cristo (cf. *Ef 1, 5*), que nos reconciliou com Deus (cf. *Col 1, 20*), as consequências do pecado original deixaram as suas marcas no homem e no mundo, e os homens continuam a sentir-se tentados a acreditarem que são deuses.

Precisamente o evangelho proclamado põe-nos diante de uma dessas consequências: o trabalho pode ser infrutífero e fonte de frustrações e crises várias, a começar pelo próprio desemprego. E não só a nível pessoal, mas até a nível mundial como de certo modo estamos a assistir e a sentir especialmente na nossa sociedade. Uma noite infrutífera, as redes rotas e vazias e até um certo medo perante o futuro.

As crises mundiais são crises de santos

S. Josemaria, convencido de que “as crises mundiais são crises de santos” (Caminho 301) foi precursor daquilo que o Concílio Vaticano II proclamou como o chamamento universal à santidade, recordando algo que, com o andar dos séculos, estava esquecido na vida da Igreja.

Como explicava o então Cardeal Ratzinger num texto sobre o Fundador do Opus Dei: «A palavra *santo* recebeu, com o passar do tempo, uma perigosa redução, que ainda permanece nos nossos dias. Pensamos nos santos representados nos altares, com os seus milagres e virtudes heróicas, e imaginamos que se trata de algo reservado a uns poucos eleitos, entre os que não nos podemos incluir. Tendemos a deixar a santidade para uns poucos,

desconhecidos, e a contentarmo-nos em ser como somos.

«Josemaria Escrivá veio despertarmo-nos dessa apatia espiritual. Não! A santidade não é o extraordinário, mas o ordinário, o normal para cada baptizado. Não consiste em gestas de um indefinido e inalcançável heroísmo, mas tem mil formas; pode levar-se a cabo em cada estado e condição. É o corrente. Consiste em viver a vida de cada dia cara a Deus, impregnando-a com o espírito de fé» (*Homilia da Missa de acção de Graças pela Beatificação, 1992*).

Assim, na resposta de Pedro ao *Duc in altum* de Cristo que lemos no Evangelho de hoje «Andamos na faina toda a noite e não apanhámos nada mas... sob a tua Palavra lançarei as redes», pode ser vista como o compromisso de contar com Deus nos nossos afazeres

quotidianos, unir a oração, o trabalho e o apostolado numa unidade de vida coerente e forte.

E dizia também o Card. Ratzinger: «Ser santo não significa ser superior aos outros; antes, o santo pode ser muito débil, pode ter cometido tantos erros na sua vida (Aquele «Senhor, afasta-te de mim, que sou um homem pecador» ao mesmo tempo que segurava os pés de Jesus). A santidade é este contacto profundo com Deus, fazer-se amigo de Deus: é deixar agir o Outro, o Único que realmente pode fazer com que o mundo seja bom e feliz.

«Por conseguinte, se São Josemaria Escrivá fala da chamada de todos a ser santos, parece-me que, em última análise, está a aurir desta sua experiência pessoal de não ter feito sozinho coisas incríveis, mas de ter deixado agir Deus. E por isso nasceu uma renovação, uma força de bem

no mundo, mesmo que todas as debilidades humanas permaneçam sempre presentes.

«Deveras todos somos capazes (*Duc in altum!*), todos somos chamados a abrir-nos a esta amizade com Deus, a não abandonar as mãos de Deus, a não deixar de voltar sempre de novo ao Senhor, falando com Ele como se fala com um amigo, sabendo bem que o Senhor realmente é o verdadeiro amigo de todos, mesmo de quantos não podem fazer grandes coisas sozinhos» (Artigo no *L'Osservatore Romano* no dia da Canonização, 2002).

A aventura de ser cristão no mundo

Se não podemos fazer grandes coisas sozinhos, com Deus sim que podemos, mesmo que a missão dos cristãos no mundo apareça tantas vezes uma tarefa desproporcionada,

uma loucura, mas... *sob a tua Palavra!*

«Para cumprir esta missão, Josemaria Escrivá viajou incansavelmente pelo mundo, com o desejo de infundir a todos os homens a ousadia da santidade; quer dizer, a aventura de ser cristão ali onde a vida nos colocou.

«Desta maneira Josemaria Escrivá chegou a ser um grande homem de acção, que vivia da Vontade de Deus e que chamava os homens a amar a Vontade de Deus, mas sem cair em rigorismos. Sabia que não podemos salvar-nos sozinhos, e assim como o amor pressupõe o ser amado, também a santidade necessita de outro fundamento: que Deus aceite amar-nos.

«Aventurou-se a ser “um D. Quixote de Deus”; pois então não é quixotesco ensinar no mundo de hoje a humildade, a obediência, a castidade,

o desprendimento dos bens materiais, a magnanimidade? A Vontade de Deus representava para S. Josemaria a verdadeira razão das coisas, e assim esteve em condições de descobrir o razoável daquilo que aparentemente era irracional» (1992). Como Pedro perante o desafio do mestre.

«Com tudo isto comprehendi melhor a fisionomia do Opus Dei, esta ligação surpreendente entre uma absoluta fidelidade à grande tradição da Igreja, à sua fé, com desarmante simplicidade, e a abertura incondicionada a todos os desafios deste mundo, quer no âmbito académico, quer no do trabalho, da economia, etc.

«Quem tem este vínculo com Deus, quem mantém este diálogo ininterrupto pode ousar responder a estes desafios, e deixa de ter medo; porque quem está nas mãos de Deus

cai sempre nas mãos de Deus. É assim que desaparece o medo e nasce, ao contrário, a coragem de responder ao mundo de hoje» (2002).

Duc in altum!

Peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a saber dizer como Ela e como Pedro: *faça-se segundo a Tua Palavra* e que, tal como ela se lançou solícita aos caminhos da montanha para ajudar a sua prima Isabel, e Pedro se aventurou ao largo para pescar, também nós, com a intercessão de S. Josemaria, saibamos dar-nos ao serviço dos outros nos caminhos divinos da terra, *omnes cum Petro, ad Iesum per Mariam !*

Pe. Jorge Margarido Correia

missa-no-porto-por-ocasiao-da-festa-de-
sjosemaria/ (18/02/2026)